

# OLIVERIO GIRONDO (1891-1967)

(textos em Português – Tradução de Antonio Miranda)

## CANSAÇO

*De Persuasión de los días.*

Cansado  
Sim!  
Cansado  
de usar um único braço,  
os lábios,  
vinte dedos,  
não sei quantas palavras,  
não sei quantas lembranças,  
grisáceas,  
fragmentárias.

Cansado,  
muito cansado  
deste frio esqueleto  
tão pudico,  
tão casto,  
que quando se desnude  
não saberei se é o mesmo  
que usei enquanto vivia.

Cansado.  
Sim!  
Cansado  
por carecer de antenas,  
de um olho em cada omoplata  
e de um rabo autêntico,  
alegre,  
desatado,  
e não este rabo hipócrita,  
degenerado,  
anão.

Cansado,  
sobretudo,  
de estar sempre comigo,  
de achar-me cada dia,  
quando termina o sonho,  
ali, onde me encontre,  
com as mesmas narinas  
e com as mesmas pernas;  
como se não desejasse  
esperar o rompente com a cútis de praia,

oferecer, ao orvalho, dos seios da magnólia,  
acariciar a terra com um vento de lagarta,  
e viver, uns meses, dentro de uma pedra.

## COMUNHÃO PLENÁRIA

Os nervos me aderem  
ao barro, às paredes,  
abraçam as ramagens,  
penetram na terra,  
espargem pelo ar,  
até atingirem o céu.

O mármore, os cavalos  
têm minhas próprias veias.  
Qualquer dor lastima  
minha carne, meu esqueleto.  
Às vezes em que morri  
ao ver matar um touro!...

Se avisto uma nuvem  
devo empreender o vôo.  
Se uma mulher se deita  
Eu me deito com ela.  
Quantas vezes eu me disse:  
Serei eu uma pedra?

Nunca sigo um cadáver  
sem ficar ao seu lado.  
Quando põem um ovo,  
eu também cacarejo.  
Basta que alguém pense em mim  
para tornar-me uma lembrança.

## CONVITE AO VÔMITO

*De Persuasión de los días.*

Cobre teu rosto  
e chora.  
Vomita.  
Sim!  
Vomita,  
longos troços de vidro,  
amargos alfinetes,  
turvos gritos de espanto,  
vocábulos carcomidos;  
sobre este purulento desbordo de inocência,

diante desta nauseabunda iniquidade sem leito,  
e esta castrada e fétida submissão cultivada  
em flatulentos caldos de terror e de jejum.

Cobre teu rosto  
e chora...  
mas não te contenhas.  
Vomita.  
Sim!  
Vomita,  
ante esta paranóica estupidez macabra,  
sobre este delirante cretinismo estentóreo  
e esta senil orgia de egoísmo prostático:  
débeis coágulos de asco,  
torturada impotência,  
rançosos sumos de fastio,  
porções de amarga espera...  
horas entrecortadas por relinchos de angústia.

## DICOTOMIA INCRUENTA

*De Persuasión de los días.*

Minha mão sempre chega  
mais tarde do que outra que se mescla com a minha  
e formam a mão.

Quando vou sentar-me  
percebo que meu corpo  
se senta noutro corpo que acaba de sentar-se  
onde eu me sento.

E no instante preciso  
de entrar em casa,  
descubro que já estava lá  
antes mesmo de ter chegado.

Por isso é muito possível que eu assista ao meu enterro,  
e, enquanto me inundam de lugares-comuns,  
e me encontro na tumba,  
vestido de esqueleto,  
bocejando os trópicos e os prantos fingidos.

## FAÇANHA

*De Persuasión de los días*

Tudo,  
tudo,  
no ar,  
na água,

na terra,  
desenraizado e ácido,  
descomposto,  
perdido.  
A água feita cavalo antes que a nuvem e a chuva.

Os touros transformados em submissas roldanas.  
O engano sem malha,  
sem “tutu”\*,  
sem mamilos.

A impudica mentira exibindo-se no traseiro  
em todas as posturas,  
em todas as esquinas.  
As roldanas vorazes do expediente cozido,  
de tapir com mochila.  
Os telhados que migram nas escuras revoadas.

As janelas que cospem dentaduras de piano,  
caçarolas,  
espelhos,  
pernas carbonizadas.

Por que mirais  
sem limo,  
meu coração detonável  
que fizemos,  
que temos feito  
com nossas pobres mãos,  
com nossos esqueletos de inverno e de verão.

Atiçar o incêndio.  
Aplaudir o desastre.  
Transladar,  
Sobre pneus,  
Apetites de pústula.  
Prostituir os crepúsculos.  
Adorar os loroteiros  
e os cérebros secos de noz embrandecida...  
Como se não existisse mais que o suor e o asco;  
como se apenas ansiássemos nutrir com nosso sangue  
as raízes do ódio;  
como se já não fosse bastante deprimente  
saber que apenas somos um pálido excremento  
do amor,  
da morte.

\* palavra de variado entendimento: tanto refere-se a uma certa ave de rapina como às bordas das roupas das bailarinas e até mesmo pode ser um *lunfardo* (gíria) da época. Mais provavelmente refere-se àquele franzido das vestes das bailarinas...

## HAVERIA

Com crista  
ou candor menino  
o empurrão varão haveria de ousar içar um eu flamante em gozo  
o auto-engendrar fundido no próprio ego poço  
um nímio virgem vício  
um semi tic ou trauma ou trac ou toque novícios  
um novococo inédito por pouco  
um mero meio ovo ao menos de algo novo  
e imerso no infra-eu intimíssimo  
volver a ver reverdecer a fé de ser  
e crer em criar  
e coaxar e coaxar  
antes de tudo ende ou duende visivelmente real ou inexistente  
o fazer fazer  
dentro de um ninho umbroso e túbio  
um filho mito  
misto de silvo ido e de hipo divo de ídolo  
ou de rançosa última instância do cotidiano entreasco  
e escopro e sopro mago  
remodelar haveria os orifícios psíquicos e físicos correntes  
de tanto espectro diário que desnute a mecha  
ou um lazarento almejo que todavia se yerga  
como se pospudesse  
e dar-lhe com a proa na língua  
e dar-lhe com as ondas da língua  
e fúrias e refluxos e marés  
a toda cratera cosmos  
sem cratera  
de nada

## NOTURNOS

De “*Persuasión de los días*”

1.

Não sou eu quem escuta  
este trote chovido que atravessa minhas veias.  
Não sou eu quem passa a língua pelos lábios  
ao sentir que a boca se enche de areia.

Não sou eu quem espera,

emaranhado em meus nervos,  
que as horas me levem ao alívio do sonho,  
nem quem está com as mãos, de gesso enlouquecido,  
olhando, entre meus ossos, as áridas paredes.

Não sou eu quem escreve estas palavras órfãs.

2.

Debaixo da almofada  
a mão,  
minha mão  
que cresce  
inexoravelmente,  
para emergir,  
de repente,  
na mais tardia noite,  
abandonar a cama,  
transpassar as paredes,  
estender nas ruas  
e recobrir as tetas das casas sonâmbulas.

Através de minhas pálpebras  
eu contemplo seus dedos,  
aprazíveis,  
tranqüilos,  
de ciclópeas falanges,  
os milhares de rios,  
zigzagueantes,  
ressecados  
que percorrem a palma deserta desta mão,  
desmedida,  
enorme,  
aderida à insônia,  
ao meu braço,  
ao meu corpo  
diminuto,  
perdido  
no meio dos lençóis;  
sem explicar-me como esta mão  
é a minha mão  
nem saber por quê razão se empenha em diminuir-me.

3.

Pressinto os latidos.

Que mantém esta árvore acordada?

As sombras não se afastam,  
Comprimem-se em seus corpos.

Não me agrada esta calma,  
este silêncio morto,  
sem carne,  
puro osso.

Através da veia, mineral, de uma nuvem,  
a lua aparece.  
Eu já desconfiava.

Fazer o quê?

Que fazer?

Contemplo-a.

Quero uivar.

Não consigo.

4.

Tu também  
inútil,  
extraviado,  
no bonde enlouquecido  
de trajes  
e de horários;  
dentro de minhas veias,  
em meu tempo,  
nos meus ossos,  
mesclado ao meu silêncio,  
ao meu pulso,  
à minha febre,  
a tudo o que impregna  
esta vigília estéril,  
com ritmo de goteira,  
de persiana que se abre  
e golpeia, golpeia,  
aqui,  
no fundo do oco,  
onde estou confinado,  
recluído entre os tendões,  
assomado às pálpebras,  
aqui,  
pelos terraços,  
janelas,  
moribundos,  
vasilhas que se banham,  
rodeado de papéis,  
de tudo o que padece  
minha presença obstinada:  
os livros,  
a cinza,  
os lápis,  
a cadeira,  
o pêlo e a doçura  
que se aproxima e me olha,  
na mesa  
e no roupeiro,

com seus trajes enforcados,  
na cama que me aguarda  
- o velame desfraldado  
ancorado na penumbra,  
um sonho?  
na vida?  
as cortinas,  
o tapete,  
que olho e me entristece  
quando vou tirar  
com calma  
as botas,  
e desperta alguma lembrança  
fragmentária,  
perdida  
nas praças de minha infância,  
um caminho,  
uma casa;  
as mãos,  
as cadeiras,  
as pernas amputadas  
de mulheres diluídas  
pelas horas,  
os ruídos,  
que costumam deter-me,  
de repente,  
na certeza  
de tê-las possuído  
em móveis estranhos;  
enquanto ouço a rua,  
a noite que escuramente muge,  
como uma vaca enferma,  
ao ir refugiar-se  
nos grandes galpões  
que urinam os invernos,  
enquanto partem os trens,  
taciturnos,  
queixosos,  
na direção da aurora  
deslocando o silêncio,  
com um grito oxidado  
misturado com meus nervos,  
minha tinta,  
meu sangue.

5.

A chuva,  
com frequência,  
penetra meus tendões,  
atravessa minhas artérias,



me encharca,  
pouco a pouco,  
os ossos,  
a memória.

Então,  
refugio-me  
num canto qualquer  
e estirado no solo  
escuto,  
durante horas,  
o ritmo das gotas  
que brotam de minha carne,  
como uma goteira.

## 8

*De Espantapájaros. (1932)*

Eu não tenho uma personalidade; eu sou um coquetel, um conglomerado, uma manifestação de personalidades

Em mim, a personalidade é uma espécie de furunculose anímica em estado crônico de erupção; não passa meia hora sem que nasça uma nova personalidade.

Desde que estou comigo mesmo, é tal a aglomeração das que me rodeiam, que minha cara parece um consultório de uma quiromante de moda. Há personalidades em todas as partes: no vestibulo, no corredor, na cozinha, até na privada.

Impossível ter um momento de trégua, de descanso! Impossível saber qual é a verdadeira!

Embora me veja forçado a conviver com a promiscuidade mais absoluta com todas elas, não me convenço de que me pertençam.

Que classe de contato pode comigo – pergunto-me – todas essas personalidades inconfessáveis, que fariam ruborizar a um açougueiro? Deveria permitir que se me identifique, por exemplo, com este pederasta murcho que não teve nem a coragem de se realizar, ou com este cretinóide cujo sorriso é capaz de congelar uma locomotiva?

O fato de que se hospedam no meu corpo é suficiente, no entanto, para enfermar-me de indignação. Já que não posso ignorar sua existência, quisera obrigá-las a que se ocultem nas pregas mais recônditas de meu cérebro. Mas são de uma petulância... de um egoísmo... de uma falta de tato...

Até as personalidades mais insignificantes se dão uns ares de transatlântico. Todas, sem nenhuma espécie de exceção, se julgam com direito a manifestar um desprezo olímpico pelas outras e, naturalmente, há brigas, conflitos de todo tipo, discussões que nunca terminam. Em vez de confraternizar, já que têm que viver juntas, pois não, senhor!, cada

uma pretende impor sua vontade, sem tomar em conta as opiniões e os gostos das outras. Se alguém te uma ocorrência que leve às gargalhadas, no mesmo instante sai qualquer outra, propondo-me um passeio ao cemitério. Nem bem aquela deseja que me deite com todas as mulheres da cidade, esta se empenha em demonstrar-me as vantagens da abstinência, e enquanto uma abusa da noite e não me deixa dormir até de madrugada, a outra me desperta com o amanhecer e exige que me levante junto com as galinhas.

Minha vida resulta assim uma prenhez de possibilidades que nunca se realizam, uma explosão de forças encontradas que se entrecrocaram e se destroem mutuamente. O fato de tomar a menor determinação me exige um cúmulo tal de dificuldades, antes de cometer o ato mais insignificante necessito por tantas personalidades de comum acordo, que prefiro renunciar a qualquer coisa e expressar que se extenuem discutindo o que vão fazer comigo, para ter, pelo menos, a satisfação de mandá-las todas juntas à merda.

## PREAMAR

*De Persuasión de los días. /Embelecós.*

Nada anseio de nada,  
enquanto dura o instante de eternidade que é tudo,  
quando não quero nada.

## PROPÓSITO RESTRITO

*De Persuasión de los días.*

Demasiado corpóreo,  
limitado,  
compacto.

Terei que abrir os poros  
e desregrar-me um pouco.

Não digo demasiado.